



SARTRE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: A CRÍTICA AO CONCEITO DE NADA COMO UM VAZIO OU PLATONISMO

SARTRE IN WONDERLAND: A CRITICAL TO THE CONCEPT OF NOTHING LIKE AN EMPTY OR PLATONISM

BARROS, Marcelo Vinicius Miranda¹

RESUMO

Há duas questões: primeira, Ayer afirmou que Sartre usou o conceito de Nada para nomear alguma coisa não-substancial ou um vazio, como o "alguém" a quem o Rei, na obra "Alice no País das Maravilhas", não consegue enxergar. Pretende-se avaliar se esse Nada corresponde ao que Ayer comentou, e que leva também à crítica de que Sartre se assemelhava a Platão, quando este conceituou o "Mundo das ideias", criticado por Aristóteles. Segunda, é que se Sartre afirmou que o homem é o Ser pelo qual o Nada vem ao mundo e o Nada, que é liberdade, não pode se nadificar a não ser sobre um "fundo de ser", o homem é livre ou condição da liberdade?

Palavras-chave: Sartre. Nada. Filosofia platônica. Fundo de ser. Liberdade.

ABSTRACT

There are two issues: first, Ayer said that Sartre used the concept of Nothing to name some non-substantial thing or an empty, as "someone" whom the King, in the book "Alice in Wonderland", can not see. It aims to assess if such Nothing corresponds to what Ayer commented, and that also leads to criticism that Sartre resembled Plato, when this one conceptualized the "World of Ideas", criticized by Aristotle; second, it is that Sartre Said that man is the being by which the Nothing comes into the world and the Nothing, that is freedom, can not itself nadificar unless on a " background to being", man is free or condition of freedom?

Keywords: Sartre. Nothing. Philosophy platonic. Background to being. Freedom.

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF). Integrante da equipe do projeto de pesquisa Sartre e as fronteiras da escolha, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq / UEFS. Integrante do Grupo de Estudos em Filosofia da Arte de Arthur Danto e do Grupo de Estudos em Filosofia Francesa Contemporânea (GESTUFFRANCO) do NEF/UEFS. E-mail: marcelovmb@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3804791464459594>.



Introdução

O próprio título da obra de Sartre "O Ser e O Nada" indica um problema em que o filósofo se deparou: o não-existente ou o nada, que tem um papel fundamental na perspectiva fenomenológica da realidade humana. O existencialismo de Sartre acaba que se deparando com o não-existente. É uma filosofia da existência que tece sobre a não-existência. Além disso, a filosofia sartreana comenta da existência de um Nada. Por isso, o que se tem, como problemas, são as críticas à existência de um Nada (como o Nada pode existir?) ou que o não-existente não é possível, porque não é passivo de causalidade e por isso não explica a realidade humana, desdobrando, então, em críticas que procuram afirmar a possível contradição na filosofia de Sartre, mas podem essas críticas serem frutos de preconceitos?

Antes de dar continuidade a essa discussão é preciso salientar que haverá diferenciação entre o "Nada" com a inicial maiúscula, que apontará para um conceito próprio do sistema filosófico de Sartre; e o "nada" com a inicial minúscula, que apontará para o conceito de nada dito no senso comum, como um vazio qualquer, que está presente nos dicionários, como o Dicionário do Aurélio, e que significa ainda "o que não existe" ou "coisa nenhuma" (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2015).

Mas, mesmo assim, o "nada", que nomearemos igualmente de não-existente, de senso comum ou vazio, será discutido ainda como possibilidade conceitual da filosofia existencial de Sartre.

Além disso, também, se Sartre afirmou que o homem é o Ser pelo qual o Nada vem ao mundo e o Nada, que é liberdade para o tal filósofo, não pode se nadificar a não ser sobre um "fundo de ser", o homem é livre ou é condição da liberdade? Essa questão será discutida

como consequência das críticas colocadas aqui ao Nada sartreano, que o coloca como algo platônico ou um vazio, que procura enfraquecer o embasamento da filosofia de Sartre.

Este texto subentende que os conceitos básicos do Existencialismo de Sartre já são compreendidos, como é o caso do Em-si (objetos, coisas do mundo, o que possui uma essência) que se apresentará como fenômeno para a consciência: intencionalidade, que é o conceito de que toda consciência é consciência de alguma coisa. Essa "coisa" é o Em-si.

Assim, se resume: a consciência humana é peculiar, por isso é conceituada como Para-si. É o Para-si que faz as relações temporais e funcionais entre os seres Em-si e ao fazer isso, constrói um sentido para o mundo em que vive, que é melhor entendido como o projeto sartriano. O Para-si, diferente do Em-si, não tem uma essência definida. Ele não é resultado de uma ideia pré-existente, por isso o Para-si é o Nada. Ou seja, o que se quer dizer é que o homem não é Em-si, pois ele não possui essência, por isso a máxima de Sartre: "a existência precede e governa a essência". O homem, então, é o Para-si, que a rigor é o Nada, pois a consciência não tem conteúdo, não é coisa alguma. Mas esse Nada é justamente a liberdade fundamental do Para-si, que, movendo-se através das possibilidades, poderá "criar-lhe conteúdo".

Enfim, deixa-se claro que a consciência não tendo conteúdo, ela é um Nada que precisa ser supostamente preenchida. Por isso a consciência faz a análise intencional e descritiva dos objetos. Todo ato mental tem seus conteúdos, caracterizados por sua direção a um objeto. Toda crença, desejo, tem necessariamente seus objetos: o acreditado, o desejado etc. E é esse Nada que será discutido também aqui.



O problema do Nada

Sartre afirma: “Laporte diz que caímos na abstração se pensamos em estado isolado aquilo que não foi feito para existir isoladamente” (SARTRE, 2012 p. 43). “Husserl também pensa assim: para ele, o vermelho é uma abstração, porque a cor não pode existir sem uma figura” (SARTRE, 2012 p. 43). Ao contrário, a “coisa” espaço-temporal, com suas determinações todas é que é um concreto.

Essas duas citações de Sartre servem para afirmar que, segundo esse ponto de vista, a consciência isolada é abstrata, pois esconde uma origem ontológica no Em-si, e, reciprocamente, o fenômeno isolado é também abstrato, já que precisa “aparecer” à consciência. O concreto é a totalidade sintética: fenômeno e consciência; ou a intencionalidade: toda consciência é consciência de alguma coisa.

Aqui é importante entender que a tal consciência para Sartre é o Nada, como dito. Assim, é preciso lembrar que a consciência só existe como consciência de alguma coisa, mas, é sabido ainda que não se pode compreender o Nada fora do Ser. Nem como uma noção complementar e abstrata. É preciso que o Nada tenha como “pano de fundo” o Ser.

Se já subentende que se compreende que o Nada não pode ser concebido fora do Ser, não pode ser concebido a partir do Ser, já que o Ser é pura positividade, de onde vem o Nada?

Ao se aproximar desse problema, deve-se admitir primeiro que não se pode conceder ao Nada a propriedade de “nadificar-se”. Porque há de convir que só o Ser pode se nadificar, pois, como quer que seja, para nadificar-se é preciso Ser. E o Nada não é. O Nada é nadificado. Resulta, então, que há de existir um Ser com propriedade de nadificar o Nada. “Um ser pelo qual o nada venha às coisas” (SARTRE, 2012, p. 65). Desse modo, o que é esse Ser?

Percebe-se que ao interrogar, o interrogado se coloca em estado “neutro”

entre Ser e não Ser, mas,

[...] ao mesmo tempo, a interrogação emana de um interrogador que se motiva em seu ser como aquele que pergunta, desgarrando-se do ser. A interrogação é, portanto, por definição, um processo humano. Logo, o homem se apresenta, ao menos neste caso, como um ser que faz surgir o Nada no mundo, na medida em que, como esse fim, afeta-se a si mesmo de não ser (SARTRE, 2012, p. 66).

Se o Nada surge como possibilidade para uma interrogação ou uma negação, então logo o homem é o Ser que faz surgir o Nada no mundo. “O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (SARTRE, 2012, p. 67).

Contudo, precipitadamente, compreendendo esse Nada sartreano, é possível concluir que o sujeito não é esse Nada. Afirma-se que o homem é o Nada, na filosofia existencial de Sartre, no entanto, se poderia cogitar que o homem não é esse Nada, de fato, mas sim uma espécie de “condição” para o Nada. Vejamos o que Sartre disse: “O nada não pode se nadificar a não ser sobre um *fundo de ser*: se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme” (SARTRE, 2012, p. 64).

É sabido, que não se pode compreender o Nada fora do Ser. Nem como uma noção complementar e abstrata. É preciso que o Nada tenha como pano de fundo o Ser. Então, logo o Nada tem o ser humano como um Ser que o faz surgir no mundo, ou seja, o homem é o Ser pelo qual o Nada vem ao mundo. E o Para-si, como conhecido, não coincide consigo mesmo, pois enquanto o Em-Si é o que é, o Para-Si não é o que é e é o que não é, como afirmou Sartre, e portanto o Para-Si é o Nada.

Desse modo, fica uma questão: o ser humano é o Nada, de fato, ou um “fundo de ser”? Há possibilidade de se acreditar que o ser humano é um “fundo de ser”, onde o Nada pode se nadificar e por isso ele é “um



ser pelo qual o nada venha às coisas” (SARTRE, 2012, p. 65).

Não se pode falar, por exemplo, que João está ausente do bar, se o bar não for uma espécie de “fundo de ser” que permita dizer que não há nada de João naquele bar. É incognoscível, para o ser humano, um Nada sem um “fundo de ser”, da mesma forma, segundo Sartre, como também não pode existir cor sem forma ou figura, som sem intensidade e timbre ou sombra que não seja sombra de alguma coisa (SARTRE, 2012).

Sendo assim, se ao dizer que o sujeito ou o ser humano é o Nada, que é a liberdade, esse Nada precisa de um “fundo de ser” para nadificar-se, portanto, sendo mais extremo nessa lógica, o sujeito ou o ser humano é esse “fundo de ser” que permite o Nada se nadificar. Por isso, o tal ser humano não é o Nada, mas sim, como afirmou Sartre, o Ser pelo qual o Nada venha às coisas. É o “fundo de ser” onde o Nada pode ser nadificado. E se o Nada é liberdade, e se o Para-si é Nada e é liberdade, como sabido, o ser humano, então, está além da liberdade sartreana, pois ele é a “condição” desse Nada ou dessa liberdade.

Isso é uma boa análise. Então, seguindo a atual lógica, se o ser humano é esse Ser como fundo (fundo de ser), como condição, assim o ser humano é Ser para algo, que é o Nada.

Entretanto, se o ser humano é esse Ser como fundo, como condição, ele é o Ser para algo que é o Nada, então o ser humano ao ser esse tal Ser para o Nada, não é de fato se equivaler ao Nada propriamente dito. Ser condição para o Nada é ser a “condição” e não o “Nada” em si. Portanto fica a questão novamente: seguindo o existencialismo sartreano, o homem não tem essência, porque ele é o Nada e não existe essência de nada, entretanto o homem sendo um Ser para o Nada, ele passa a ter uma essência, que seria esse Ser que se volta para o Nada?

O Nada não pode ser essência, mas o

Ser como condição para o Nada pode ser essência? Poder-se-ia comentar como essência, essa condição para o Nada? Há possibilidade de dizer que é uma essência esse “fundo de ser” que permite o Nada vim ao mundo, então?

Tudo isso parece uma boa análise, só que essas questões, aqui levantadas, são inúteis se considerar que a dualidade não existe em Sartre, pois esse filósofo rompe com o modelo cartesiano sujeito-objeto etc. Assim não se pode comentar sobre o Nada sem considerar o “fundo de ser”, por isso o ser humano, de fato, não é somente o Nada e não é somente também o “fundo de ser”, o ser humano é, então, um “Nada-Fundo-de-ser”. Não existe dualidade no existencialismo sartreano. Na prática, não há nada atrás do “Nada” chamado “fundo de ser”. O homem ao ser um Nada fica implícito toda a condição que existe para esse Nada. O homem é mesmo um “Nada-fundo-de-ser”.

E, ainda, se pode discorrer mais sobre esse assunto: se perguntarem o que “havia” antes que existisse esse “Nada”, e responderem: “um fundo de ser”, seriam obrigados a reconhecerem que esse suposto “antes”, tanto como esse “fundo de ser”, teriam efeitos retroativos e deterministas, o que é um erro, pois o que se nega é que houvesse um Ser antes do Para-si ou Nada. E ainda iriam ao infinito, ao entenderem que teriam o Ser do Ser, do Ser etc. O que seria, na filosofia de Sartre, um absurdo. Então não se pode dizer que existe algo antes do Nada. O Nada já é um “fundo-de-ser-como-condição-para-o-nada”, já que não se pensa em um Nada isoladamente, de forma abstrata, como também não se pensa em uma cor sem forma. Aqui ainda se remete à citação de Sartre no início deste texto, ao se referir a Laporte e a Husserl e a impossibilidade da abstração sobre o Para-si ou a consciência, já que não existe consciência sem fenômeno e vice-versa, resgatando o conceito de intencionalidade. Compreende-se, então, que o Nada também segue essa mesma lógica sartreana.



Como não pode existir cor sem forma ou som sem intensidade e timbre ou sombra que não seja "sombra de alguma coisa", segundo Sartre, não pode existir também Nada sem "fundo de ser". Então, ao dizer que o ser humano é um Nada, ele é, de fato, o "Nada-fundo-de-ser". Esse juízo de separar "fundo de ser" do "Nada" ou é por ordem de questão didática ou por um raciocínio cartesiano de "sujeito e objeto", uma dualidade, que não tem validade no existencialismo de Sartre.

Por isso, o homem não é o Ser para algo, que é o Nada, como dito anteriormente aqui, pois aí seria dualidade, de certa forma, ou dariam margem para isso. O homem é o Nada mesmo, que, na prática, é o Nada-fundo-de-ser. A não ser que na prática se possa também separar impulso de aceleração, imaginar a cor isoladamente ou conceber sombra que não seja sombra de alguma coisa, por exemplo, o que seria, obviamente, inaceitável em Sartre.

Quando Sartre comentou sobre o Nada, ele comentou de que se tratava de um Nada-fundo-de-ser, pois não há dualidade, como o "fundo de ser", de um lado, e o "Nada", do outro lado. Assim, realmente o ser humano é o Nada, na prática; e só didaticamente e teoricamente é que se separa "fundo-de-ser" do "Nada".

Como Sartre exemplificou, em "O Ser e O Nada", que o impulso e velocidade não existem isoladamente, não há dualidade neles, pois não pode se falar de impulso sem falar de velocidade e nem se pode falar de velocidade sem falar de impulso (SARTRE, 2012), igualmente, o Nada também não existe sem o "fundo de ser", portanto o homem "é esse conjunto": Nada e fundo-de-ser, que permite a nadificação. Ele é, sinteticamente dizendo, o Nada, entendido na prática como Nada-fundo-de-ser.

Porém, ainda pode permanecer uma última questão sobre isso: nesse caso, como então explicar o surgimento do Para-si, se ele é um Nada e o Nada é Nada-fundo-de-

ser? Como, então, o Nada vem ao mundo pelo Ser, se agora se compreende que ele é, de fato, um Nada-fundo-de-ser? Sartre levanta sempre o conceito da nadificação, que é muito utilizado para comentar a dialética entre o Para-si e o Em-si, por isso, a nadificação pode responder a essa questão.

Se observarem mais de perto, chegarão ao Nada-fundo-de-ser e compreenderão que se pode ir mais longe, para tentar responder a essa demanda. Na prática, de fato, não há o Nada, como estudado na teoria, mas sim um ato nadificador constante. Por isso a consciência em seu Ser define-se como ação, sempre um fazer, é ato, é intencionalidade. Seu Ser é, então, puro movimento (consciência pré-reflexiva), um fluxo, e qualquer tentativa de cristalizá-lo pode resultar em má-fé. Portanto, por se fazer constantemente, é que a consciência é sua maneira de *ser* e, como afirma Sartre, "sustenta seu nada de ser" (SARTRE, 2012).

Sendo mais claro: no cerne da questão, não há um nada, literalmente, ou um vazio, mas um ato nadificador constante, que não pode ser apreendido, por ser consciência irrefletida ou pré-reflexiva, pois a cada reflexão, a consciência pré-reflexiva foge em sua nadificação. Mas, mesmo assim, é pré-reflexiva, como é condição para reflexão ou para consciência reflexiva. Após a essa análise é preciso avaliar a crítica que tecem a respeito do Nada em Sartre.

A crítica ao Nada

Muitos críticos tentaram fazer de Sartre uma filosofia platônica, colocando a ideia de que Sartre entra em uma espécie de metafísica tradicional, onde apoia a sua filosofia no nada, literalmente, se referindo ao senso comum da palavra "nada", ou seja, não apoia a sua filosofia em coisa alguma. Para certos críticos, ter uma filosofia apoiada no Nada permite comparar Sartre a Platão, quando este filósofo usou a sua



filosofia apoiada no “Mundo das Ideias”, e que foi criticada por Aristóteles. É nessa situação que querem colocar a filosofia de Sartre: nivelando o pensamento sartreano ao pensamento de Platão e/ou a qualquer crença religiosa místico-metafísica tradicional. Afirmando que o Nada apoia a filosofia de Sartre em um vazio e compreendem isso como um absurdo.

Mas a tal comparação parece inconsistente, porque Sartre não correu o risco de sustentar sua filosofia em um nada qualquer ou em um vazio, menos ainda se comparar a Platão, porque o Nada de Sartre, no seu cerne, é um fluxo de consciência, é um ato nadificador constante, que não pode ser capturado em si, mas pode ser provado pela vivência, experiência, numa ação reflexiva, cristalizadora, demonstrando que ela existe, senão, seria impossível cristalizar algo que não existe. O Nada, o Para-si, é um ato nadificador constante, ou seja:

[...] assim, o Para-si é ao mesmo tempo fuga e perseguição; ao mesmo tempo foge do em-si e o persegue [...] Mas recordemos, para amenizar o risco de uma interpretação psicológica das observações precedentes, que o Para-si não é *primeiro* para tentar *depois* alcançar o ser: em suma, não devemos concebê-lo como um existente dotado de tendências, assim como esse corpo é provido de certas qualidades particulares. Esta fuga perseguidora não é um dado que se adicione ao ser do Para-si, mas o Para-si é *que* é esta fuga mesmo; tal fuga não se distingue da nadificação originária: dizer que o Para-si é perseguidor-peseguido é ao mesmo tempo dizer que ele é à maneira de ter-de-ser o seu ser, ou que ele não é o que é e é o que não é (SARTRE, 2012, p. 452).

Essa afirmação de Sartre confirma o que já se vinha comentando aqui, sobre o Nada, sobre o Para-si: o Nada é um ato nadificador constante e isso evita qualquer ideia platônica sobre o existencialismo sartreano. O Para-si é uma relação com o Em-si a todo instante. A consciência está

sempre voltada para o mundo, seja de maneira pré-reflexiva ou reflexiva, e isso é uma situação fatural, prática e vivenciada pelo ser humano, pois não é possível falar de consciência sem ser consciência de alguma coisa. Então, o Para-si não pode escapar do Em-si, “posto que é *nada* e porque *nada* o separa do Em-si. O Para-si é fundamento de toda negatividade e toda relação, *ele é a relação*” (SARTRE, 2012, p.452).

Assim, se o Para-si é fundamento de toda negatividade e de toda relação, ou melhor: *ele é a relação* propriamente dita, não confere, então, um platonismo à filosofia de Sartre e nem se quer também certos críticos tem consistências ao criticarem o Sartre, afirmando que esse filósofo fundamenta sua filosofia no nada qualquer ou em um vazio, ao invés de dar-lhe base em algo em que os tais críticos poderiam considerar mais concreto. Mas fica claro que Sartre não baseia a sua filosofia em um nada do senso comum, para sustentar qualquer teoria, pois é concreto o fato sartreano do ato nadificador constante e que todos podem experimentar. Um dos exemplos didáticos sobre esse assunto é o do Professor Dr. Malcom Rodrigues:

[...], porém, esta consciência de estar consciente passa, salvo por uma reflexão, sempre despercebida. Se eu atravesso a rua até o outro lado para chegar à padaria, não preciso me conscientizar que todos os meus movimentos são executados para comprar um pão e, se alguém me questiona, “o que está fazendo?”, aparentemente, não preciso me remeter a todos os movimentos passados, desde que decidi comprar pão, para responder o que estou fazendo. Esta resposta é, para Sartre, ordinariamente tida como fruto de uma consciência instantânea em forma de reflexão: “o que estou fazendo? Indo à padaria”. No entanto, tal resposta só foi possível porque, em todos os momentos, eu estava consciente de minha intenção. Antes e depois de refletir, para responder à questão, minha consciência era



consciente de si (RODRIGUES, 2007, p. 15).

A dúvida que sempre se levanta a respeito desse exemplo dado é se as tais ações foram inconscientes ou conscientes, mas isso é devido à falsa sensação de que o sujeito, ao refletir sobre tais ações, toma consciência do que antes parecia estar inconsciente. Entretanto, de fato, não estava inconsciente, e sim em consciência irrefletida ou pré-reflexiva, segundo Sartre, o que não deixa de ser consciência, mesmo sendo irrefletida, tanto é que é através dela é que se permite refletir sobre uma ação passada; se fosse algo inconsciente, não teria condições de responder o que se estava fazendo e nem refletir sobre o feito (RODRIGUES, 2007). Lembrando-se ainda que é possível uma consciência irrefletida, já que Sartre diferencia consciência de conhecimento, onde, este, está para consciência reflexiva.

Assim, já explicado, toda consciência posicional do objeto é ao mesmo tempo consciência não posicional de si, ou seja, o sujeito é consciência-de-ir-a-padaria, e, dessa forma, de acordo com a linguagem sartreana, estar posicionalmente consciente de ir a padaria, é, ao mesmo tempo, estar não-posicionalmente consciente dos movimentos executados para comprar um pão, como bem mostrou o exemplo do professor Malcom Rodrigues, citado aqui.

Além disso, dizer que a consciência posicional de ir à padaria é, ao mesmo tempo, uma consciência não posicional dos movimentos executados para comprar um pão, é dizer que há uma relação entre a figura (ir à padaria) e o fundo (movimentos executados para comprar um pão).

Dito isso, encontra-se mais uma questão: em 1945, A. J. Ayer, empirista britânico, comparou o tratamento que Sartre dá ao Nada com a resposta que o Rei dá a Alice em uma dada situação na obra “Alice no País das Maravilhas”: “o Rei pergunta a Alice quem vem lá ao longe na estrada, Alice responde ‘Ninguém’, e o Rei exclama

‘Quem me dera ter olhos assim... Ser capaz de ver Ninguém! E ainda para mais a esta distância!’” (AYER, 1945, p. 18).² Nesse ponto, deste texto, pode-se perceber que essa comparação feita por Ayer é equivocada. A afirmação de Sartre não é, obviamente, a de que existe um nada qualquer, do senso comum, como alguma coisa não-substancial, misteriosa ou vazia, ou como “alguém” que o Rei não pode enxergar, por se tratar de “ninguém”, na obra “Alice no País das Maravilhas”.

O que fica claro, então, é que o Nada, a consciência sartreana, é experienciada diretamente, é prática e fatural, é intencionalidade, como bem mostrada no exemplo, quando o sujeito vai à padaria, porém, mesmo observando tudo isso, salienta-se que o que se faz com a filosofia de Sartre não é uma ciência empírica, mas sim uma filosofia da ação através da Ontologia Sartreana. O Para-si é o próprio processo nadificador. Então não se afirma aqui que a nadificação só existiria devido ao um vazio na consciência ou um nada qualquer. Isso é totalmente errôneo. Pois, “não foi um ser exterior que expulsou o Em-si da consciência, mas o próprio Para-si é que se determina perpetuamente a não ser” (SARTRE, 2012, p. 135). Aqui se retoma a fórmula: “é o que não é e não é o que é”, que é uma espécie de “condição” do Para-si, ou melhor, é o próprio Para-si que não coincide com o Em-si e que sempre está à busca da coincidência, à busca de ser plenitude, mesmo fracassando. O Para-si não se cansa de buscar a coincidência, já que toda consciência é sempre consciência de alguma coisa. Na verdade, o Para-si é essa busca mesmo, é esse processo nadificador em si.

Ainda é preciso inverter o jogo aqui, em relação à crítica de certos empiristas que não aceitam o Nada, muito menos o nada no senso comum. O empirismo, como o de

² “‘I see nobody on the road,’ said Alice. ‘I only wish I had such eyes,’ remarked the King. ‘To be able to see Nobody! And at that distance too!’” (AYER, 1945, p. 18).



Ayer e os pontos de vista científico, claramente, não aceita o Nada sartreano devido ao preconceito, como já visto. Mas, mesmo se fosse considerado o nada no senso comum, o não-existente, tais críticas empiristas seriam ainda equivocadas. Esse preconceito ao nada ou ao não-existente é possível devido à necessidade das relações externas, como as de causas e efeitos, típicas do empirismo. Se a visão desses críticos ao Sartre é pelo viés de percepções causais, pertencente a natureza empirista, dificulta a compreensão fenomenológica do nada, já que a não-existência não pode desempenhar nenhum papel causal e, assim, os empiristas chegam a conclusão de que o existencialismo sartreano não tem sentido, já que Sartre considera o nada ou o Nada, que não pode ser parte de nenhuma experiência perceptual, segundo tais críticos. Só que o que os empiristas não compreendem são que as causas estão no futuro e não no passado, para Sartre, logo o nada não precisa de uma causa, apesar do filósofo questionar esse tipo de temporalidade: passado, presente e futuro (mas isso seria outro artigo voltado só à temporalidade). Contudo, sendo mais específico, Sartre afirmou a respeito:

[...] significa que o Futuro constitui o sentido de meu Para-si presente, como o projeto de sua possibilidade, mas não determina de modo algum meu Para-si por-*vir*, já que o Para-si está sempre abandonado nesta obrigação nadificadora de ser o fundamento de seu nada (SARTRE, 2012, p. 183).

No mais, o passado não pode determinar o presente, porque o presente é um Nada, aqui retomando a nadificação do Para-si que não coincide com o Em-si. Porém, isso não faz o ser humano confinado ao presente, já que de nada serviria considerar um plano futuro. Não poderiam confinar ao presente, porque ao limitar o presente assim, estariam fazendo dele um Em-si, da mesma forma como é o passado. “Por isso se disse com razão que a

finalidade é a causalidade invertida” (SARTRE, 2012, p. 179). Ou seja, não existe causalidade que venha do passado para o presente, mas se pode considerar uma espécie de “causalidade” do futuro para o presente, já que é do presente que se cria um sentido para o futuro, fazendo com que a finalidade “guie os passos para tal fim”.

Entretanto é preciso deixar claro que essa causalidade só existe em um Projeto, em um desfecho de sentido “criado” pelo Para-si. Assim, sendo mais detalhista, não há causalidade, já que o Para-si é Nada, ou melhor: é o que não é e não é o que é, devido a nadificação. Ou seja, “o Para-si presente se revela em toda sua facticidade, como fundamento do seu próprio nada e, outra vez, como falta de novo futuro” (SARTRE, 2012, p. 182).

Ou seja, devido a nadificação, o passado jamais pode determinar o presente (Para-si ou Nada), pois o passado, que é um Em-si, não pode ser a completude humana, fazendo, então, o Para-si se voltar para um futuro, já que o Para-si é uma constante busca de completude, de se coincidir ao Em-si ou torna-se Deus.

O Para-si presente escapa sempre para o futuro. Escapa para o futuro, porque, como o passado é Em-si, pronto e acabado, o Para-si presente não pode ser o passado, já que, devido a nadificação, não coincide com o Em-si; além do que para ser o passado é preciso vivê-lo e para vivê-lo é preciso fazer do passado um presente e assim recai ainda no sistema da nadificação, portanto o Para-si é seu passado, mas como “tendo sido” e não como “é” ou “sendo”. Devido ao presente, obviamente, ele não pode ser seu passado, então, o Para-si se projeta para o futuro para sê-lo, para *ser* ou na esperança de *ser*. Como sabido que o Para-si nunca é, ele se lança constantemente no futuro para *ser*, já que é um Nada em busca de completude. Por exemplo, “esta posição que assumo na quadra de tênis só tem sentido pelo gesto que farei em seguida com minha raquete para devolver a bola por



cima da rede [...]” (SARTRE, 2012, p. 179). O tal gesto que o sujeito fará em seguida, no exemplo, é sempre o futuro ou a finalidade. Então, para a fenomenologia, o não-existente é real e parte da realidade humana, permitindo uma espécie de desdobramento do ser humano dentro de um projeto ontológico, um sentido em um mundo que o “move”, e que não tem necessidade nenhuma de causalidade, como causa e efeito, passado e presente, do empirismo.

Referências

AYER, Alfred, Jules. Novelist-Philosopher, Jean-Paul Sartre (1945). **Horizon**. Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/Horizon-1945jul-00012>>. Acesso em: 01 AGO 2015.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. **Significado de Nada** (2015). Web-Site/Dicionário. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/nada>>. Acesso em: 01 AGO 2015.

RODRIGUES, Rodrigues, Guimarães. **Consciência e a má-fé no Jovem Sartre: A trajetória dos conceitos** (2007). UNESP, Marília-SP, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada: Ensaio De Ontologia Fenomenológica** (1943). Petrópolis: Editora Vozes, 21ª Edição, 2012.